



KnoWhy #19

Janeiro 23, 2017



Quem deu o nome do local de sepultamento de Ismael de Naom?

“E aconteceu que Ismael morreu e foi enterrado no lugar chamado Naom.”

1 Néfi 16:34

O conhecimento

Enquanto Leí e sua família viajou pelo deserto, eles nomearam os lugares onde pararam. Leí “deu ao rio, que desaguava no Mar Vermelho, o nome de Lamã” (1 Néfi 2:8), que corria pelo “vale que ele chamara Lemuel” (1 Néfi 16:6). Em outro campo, Néfi lembrou: “demos ao lugar o nome de Sazer” (1 Néfi 16:13). Quando chegaram ao litoral, um local com abundância de frutas e mel, Néfi diz que é “à terra a que demos o nome de Abundância” e ao mar, ele diz: “demos o nome de Irreântum” (1 Néfi 17:5).

Quando Ismael morreu, no entanto, Néfi usou a voz passiva para identificar “no lugar chamado Naom” (1 Néfi 16:34). “Observe”, como destacado por Hugh Nibley em 1950, “que este não é ‘um lugar que

chamamos de Naom’, mas que o lugar já era chamado assim“. Ao contrário de outros campos mencionados no texto, este local já tinha um nome, que o grupo de Leí logicamente só teria aprendido conversando com o povo local.



Como o próprio Leí não nomeou esse lugar, isso sugere a possibilidade de que possa ser encontrado atualmente. O arqueólogo Ross T. Christensen observou o nome Nehhm no mapa da Arábia de 1763 feito por Carsten Niebuhr, no canto sudoeste da Península Arábica, que hoje é o Iêmen. Em uma nota publicada na edição da *Ensign* de agosto de 1978, Christensen observou que “Nehhm está pouco ao sul da rota traçada por [Lynn e Hope] Hilton”, que traçaram a rota de Leí alguns anos antes.

Isso levou Warren Aston, um pesquisador australiano independente, a uma série de visitas ao Iêmen para fazer pesquisas adicionais sobre as origens do lugar chamado Nehhm/Nehem, ao sul da Arábia. Aston descobriu que havia apenas um lugar em toda a Arábia conhecido como Nehem e foi capaz de rastreá-lo por meio de mapas e referências históricas do tempo de Cristo, ou seja, 600 anos depois da época de Néfi.

Então, em 1999, S. Kent Brown, professor de escrita antiga na BYU, notou um altar do Iêmen em um catálogo de museu, com a inscrição “Bi’athar, filho de Sawâd, filho de Naw’um, o Nihmita”. O termo nihmita indica que o doador do altar, Bi’atar, veio da “região de Nihm, a oeste de Mârib.”



Nihm, Nehem e Nehhm são todas grafias variantes do mesmo nome tribal e territorial. Como as antigas línguas do Oriente Próximo, a escrita ao sul da Arábia encontrada no altar não inclui vogais; portanto,

Nihm/Nehem foi escrito simplesmente como NHM. Os próprios escritos de Néfi também teriam omitido as vogais, tornando o NHM equivalente a Naom.

Em 2000, Warren Aston foi a Mârib, no Iêmen, para examinar o altar. Encontrou mais dois altares com a mesma inscrição. Os primeiros escavadores acreditavam que os altares eram um “tipo arcaico”, em estilo e “datando dos séculos VI e VII a.C.” Trabalhos mais recentes sobre a cronologia da Arábia antiga, no entanto, remontam as datas a cerca de 800–700 a.C. Aston também documentou escritos que mencionam NHM em textos de 700–300 a.C.

A pesquisa de Aston também mostra que a região de Nihm incluía, ou localizava-se próxima, a um cemitério central para comunidades isoladas do deserto. É o maior cemitério conhecido em toda a Arábia e foi usado ativamente entre 3000 a.C. a 1000 d.C. O próprio significado de Nihm refere-se à pedra usada para construir túmulos e outros edifícios e está possivelmente ligado a palavras semelhantes em árabe, hebraico e egípcio, que se referem ao luto pela morte de um ente querido.

O porquê



Nihm/Nehem poderia ser o Naom de Néfi? A localização de Naom pode estar relacionada à mudança de rota da família para o leste e sua chegada a Abundância (1 Néfi 17: 1-5). Da mesma forma, o único local compatível com Abundância estaria na costa sul de Omã, em Dófar, que fica a leste do território Nihm, no Iêmen. Além disso, quando se desce pelas rotas das caravanas, é impossível viajar para o leste na Arábia até chegar à região de Nihm.

As inscrições encontradas em Mārib e em outros lugares asseguram que a região de Nihm era conhecida por esse nome quando a família de Leí passou por lá para enterrar Ismael e prantear sua morte, e a correspondência entre Nihm e Nahom é impressionante. Embora os altares nihmitas, descobertos no final da década de 1990, não digam, de fato, “Leí dormiu aqui” ou “Ismael foi enterrado aqui”, esses dados históricos são significativos e não passam despercebidos por quem segue a rota que Leí e seu grupo percorreram na costa leste do Mar Vermelho.

Em 2002, Terryl Givens, um historiador santo dos últimos dias e professor da Universidade de Richmond, escreveu maravilhado: “Encontrados na mesma área em que o registro de Néfi localiza Naom, pode-se dizer que esses altares constituem a primeira evidência arqueológica real da historicidade do Livro de Mórmon”. Desde a descoberta desses altares, não se pode afirmar honestamente que não há evidência arqueológica do Livro de Mórmon.

Leitura complementar

Neal Rappleye e Stephen O. Smoot. “Book of Mormon Minimalists and the NHM Inscriptions: A Response to Dan Vogel.” *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 8 (2014): pp. 157–185.

Warren P. Aston, “A History of NaHoM,” *BYU Studies Quarterly* 51, no. 2 (2012): pp. 79–98.

James Gee, “The Nahom Maps,” *Journal of Book of Mormon and Restoration Scripture* 17, no. 1–2 (2008): pp. 40–57.

S. Kent Brown, “New Light from Arabia on Lehi’s Trail,” em *Echoes and Evidences of the Book of Mormon*, editado por Donald W. Parry, Daniel C. Peterson e John W. Welch (Provo, Utah: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, 2002), pp. 81–83.

Warren P. Aston e Michaela Knoth Aston. *In the Footsteps of Lehi: New Evidence of Lehi’s Journey across Arabia to Bountiful* (Salt Lake City, Utah: Deseret Book, 1994), pp. 3–25.

“Lehi’s Trail and Nahom Revisited”, em *Reexploring the Book of Mormon: A Decade of New Research*, editado por John W. Welch (Provo,



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Hugh Nibley, *Lehi in the Desert/The World of the Jaredites/There Were Jaredites*, The Collected Works of Hugh Nibley: v. 5 (Salt Lake City and Provo, Utah: Deseret Book and FARMS, 1988), p. 79.
2. Ross T. Christensen, “The Place Called Nahom”, *Ensign* (August 1978): p. 73. Para saber mais sobre os Hiltons, ver Lynn M. Hilton e Hope A. Hilton, “In Search of Lehi’s Trail—Part 1: The Preparation”, *Ensign* (September 1976): pp. 32–54; Lynn M. Hilton e Hope Hilton, “In Search of Lehi’s Trail—Part 2: The Journey”, *Ensign* (October 1976): pp. 34–63.
3. Warren P. Aston e Michaela Knoth Aston, *In the Footsteps of Lehi: New Evidence of Lehi’s Journey across Arabia to Bountiful* (Salt Lake City, Utah: Deseret Book, 1994), pp. 14–16.
4. S. Kent Brown, “New Light—‘The Place That Was Called Nahom’: New Light from Ancient Yemen,” *Journal of Book of Mormon Studies* 8, no. 1 (1999): p. 68.
5. St. John Simpson, ed., *Queen of Sheba: Treasures from Ancient Yemen* (Londres: British Museum Press, 2002), p. 166. Alguns críticos insistem que Nihm era o nome de uma tribo, e não um de lugar. O território tribal, no entanto, leva o nome Nihm até hoje, e o tem levado desde que é possível rastrear qualquer nome de localidade árabe. Em comum com outros territórios tribais no sul da Arábia, Nihm é o nome da tribo e seu território.
6. Por não entenderem as línguas semíticas, alguns críticos deram muita importância às diferentes vogais ou a outras diferenças de ortografia/pronúncia. Para obter uma resposta, ver Neal Rappleye e Stephen Smoot, “Book of Mormon Minimalists and the NHM Inscriptions: A Response to Dan Vogel”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 8 (2014): pp. 173–179.
7. Warren P. Aston, “Newly Found Altars from Nahom”, *Journal of Book of Mormon Studies* 10, no. 2 (2001): pp. 57–61.
8. Burkhard Vogt, “Les temples de Ma’rib”, in *Yémen: au pays de la reine de Saba* (Paris: Flammarion, 1997), p. 144. Tradução de Gregory L. Smith.
9. Warren P. Aston, “A History of NaHoM,” *BYU Studies Quarterly* 51, no. 2 (2012): p. 87.
10. Aston, “A History of NaHoM”, pp. 90–93.
11. Warren P. Aston, “The Origins of the Nihm Tribe of Yemen: A Window into Arabia’s Past”, *Journal of Arabian Studies* 4, no. 1 (2014): pp. 145–146. É possível acessá-lo online em: independent.academia.edu/WarrenAston.
12. Aston and Aston, *In the Footsteps of Lehi*, p. 19.
13. Aston, “The Origins of the Nihm Tribe”, p. 147.
14. Warren P. Aston, “The Arabian Bountiful Discovered? Evidence for Nephi’s Bountiful”, *Journal of Book of Mormon Studies* 7, no. 1 (1998): pp. 4–11.
15. S. Kent Brown, “New Light—Nahom and the ‘Eastward’ Turn”, *Journal of Book of Mormon Studies* 12, no. 1 (2003): pp. 111–112; Aston, “A History of NaHoM”, p. 84.
16. Terryl L. Givens, *By the Hand of Mormon: The American Scripture that Launched a New World Religion* (New York: Oxford University Press, 2002), p. 120.